



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

CINFORM

www.cinform.com.br



Sergipe, 15 a 21 de abril de 2013, Ano XXX, Edição 1566

**“PERDI MEU FILHO QUANDO ESTAVA
CONSEGUINDO TIRÁ-LO DAS DROGAS”**

“Perdi meu filho quando estava conseguindo tirá-lo do mundo das drogas”. Esse é o desabafo da dona de casa Creuza Santos Oliveira Santana, que, no dia 4 de novembro, teve o filho dela, de 17 anos, assassinado. Ela e o esposo, Valter Vieira de Santana, contam que descobriram a dependência química do único filho há pouco mais de um ano, porque ele estava pegando objetos de familiares para comprar drogas.

Quando descobriu o fato, procurou o promotor de Justiça, Lúcio Dantas, e ele a teria orientado que só poderia ajudá-la se fosse registrado um Boletim de Ocorrência na delegacia. “Eu precisava tirar meu filho das drogas e, por isso, registrei o BO. A partir daí, começamos o tratamento. Ele ficou em Aracaju, internado, ficou na fazenda e, quando voltamos aqui para Poço Verde, o juiz nos chamou e disse que iria determinar um local para ele cumprir uma medida socioeducativa. Mas logo depois, o mataram”, relata a mãe.

Com lágrimas nos olhos, Valter Vieira lembra que foi dentro da escola que o bandido começou a vender drogas para o único filho dele, destruindo, assim, toda a família. Desde a morte dele que o casal toma remédio controlado para dormir. “Depois que descobrimos, conversamos muito com ele, orientamos e, antes de ele morrer, quando

estava em tratamento, nós perguntamos se ele devia a alguém, mas ele nos garantiu que não”, desabafa. Ele lamenta que a cidade não tenha um efetivo policial suficiente para fazer investigações e elucidar esses crimes.

Naquela noite de 4 de novembro, Creuza Santos disse que estava na frente esperando o filho, quando um carro preto passou duas vezes e parou na rua ao lado da casa dela. Ela diz que ouviu quando abriram e fecharam a porta com violência e arrastaram o carro, que foi seguido por uma moto. “Eles pegaram meu filho naquele momento, e eu estava ali, bem perto. Três horas depois disso, ligaram para dizer que meu filho estava morto. E o meu coração de mãe me diz que mataram meu filho porque ele estava saindo dessa vida”, constata a dona de casa.

Segundo a tia do garoto, a vereadora Damaris Vieira Cavalcante, toda a Câmara está mobilizada e tem encaminhado documentos pedindo apoio à Promotoria para ampliar a segurança na cidade, para evitar esses crimes, bem como a violência que vinha ocorrendo. “Segurança é obrigação do Estado e nós, vereadores, não podemos fazer muita coisa. Mas nossa cidade vive um momento assustador. Alguém precisa dar um basta a esses crimes”, enfatiza.